

AMIGOS DA ONÇA: UTILIZANDO A FIGURA DA ONÇA-PINTADA PARA DEBATER DIREITOS ANIMAIS E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Friends of the Jaguar: Using the Jaguar Figure to Discuss Animal Rights and Environmental Preservation in Early Childhood Education

Mariah Boratto Peixoto dos Santos [mariah.santos@usp.br]

Tânia Regina Vizachri [taniarv@usp.br]

Luís Paulo de Carvalho Piassi [lppiassi@usp.br]

Universidade de São Paulo – Campus Leste

Rua Arlindo Béttio, 1000 - Vila Guaraciaba, São Paulo - SP, 03828-000

Adriana Regina Braga [adriana.braga@unifesp.br]

Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Estrada do Caminho Velho, 333 - Jardim Nova Cidade, Guarulhos - SP, 07252-312

Recebido em: 30/11/2018

Aceito em: 18/07/2019

Resumo

Fruto de ações desenvolvidas pela linha de pesquisa D.I.A.N. – Debates e Investigações sobre Animais e Natureza –, o presente artigo ambiciona apresentar e discutir a metodologia e os resultados obtidos ao longo de intervenção lúdico-reflexiva elaborada a partir da figura da espécie *Panthera onca*. O grupo D.I.A.N. destina-se a abordar, com distintas faixas-etárias, direitos animais e sustentabilidade, confeccionando e aplicando atividades que visem o fomento do pensamento crítico, o ativismo sociocientífico (REIS, 2013) e o combate ao especismo. Um de nossos públicos são crianças de 4 a 6 anos matriculadas EMEI localizada na Zona Leste paulistana, e, com essas, realizamos atividade na qual a figura da onça-pintada foi utilizada para discutir o zoológico, o desmatamento (associado à pecuária) e os biomas nacionais, abordando preservação e direitos animais. A atividade foi aplicada em duas turmas de aproximadamente 30 crianças cada e os resultados nos demonstram que essa auxiliou na compreensão, por parte das crianças, dos problemas éticos referentes ao encarceramento de animais e das complicações ambientais acarretadas pelo desmatamento. Majoritariamente, as crianças se posicionaram favoráveis à liberdade das onças e contrárias à caça e destruição das matas, sendo capazes de argumentar sobre seus pontos de vistas.

Palavras-chave: Educação Infantil, Educação Animalista, Educação Ambiental

Abstract

Result of actions developed by the research-extension group called D.I.A.N. - Debates and Investigations about Animals and Nature -, this article aims to present and discuss the methods and the results obtained through the application of an intervention elaborated from the figure of the species *Panthera onca*. The D.I.A.N. aims to debate animal rights and sustainability with different audiences through the preparation and application of activities that promotes critical thinking, socio-scientific activism (REIS, 2013) and tries to fight speciesism. One of our audiences are children from 4 to 6 years old who attend an early childhood school located in São Paulo. With those kids, we performed an activity in which the jaguar figure was used to discuss the zoo, deforestation (associated with livestock) and the national biomes, associated with preservation and

¹ Trabalho realizado com aprovação do comitê de ética da Plataforma Brasil (Título: D.I.A.N.- Debates e Investigações sobre Animais e Natureza: intervenções lúdicas em espaços educacionais. Nº: 61624116010015390) e com apoio da FAPESP (Processo 2018/01574-4 de Iniciação Científica e Processo 2017/00368-9 do Programa de Melhoria do Ensino Público), CAPES/PIBID e CNPQ (Processos: 448248/2014-0 e 303309/2016-4).

animal rights. The activity was applied in two different classes of approximately 30 children each and the results showed that kids were able to understand the ethical problems related to the incarceration of animals and the environmental complications caused by deforestation. After the intervention, most of the children declared themselves in favor of the jaguar's freedom and against hunting and deforestation, being able defend their points of view.

Key words: Early Childhood Education, Animalist Education, Environmental Education.

INTRODUÇÃO

A onça-pintada (*Panthera onca*) é tida como um dos principais símbolos da fauna brasileira, a “garota propaganda” de nossa biodiversidade. É o “grande felino das Américas” quem estampa a capa de grandes livros de fotografia acerca da natureza nacional, como TerraBrasil (2015) de Araquém Alcântara, que foi tido como a mascote de nosso time nos “Jogos Olímpicos de Verão de 2016”, vide a personagem Ginga, que está em nossas notas de cinquenta reais e também que escolhemos exibir para a comunidade internacional durante a passagem da tocha olímpica por Manaus, resultando em uma sórdida contradição.

Aos que não recordam, durante a cerimônia da passagem da tocha que ocorria no Centro Integrado de Guerra na Selva (Cigs), foi apresentada ao público a onça-pintada Juma, dominada sob correntes. Essa acabou por ser assassinada após o término das solenidades, pois escapou da jaula em que ficava confinada no zoológico do Exército. Lúgubre, a história é um retrato da realidade da espécie em nosso país e nos serve de lembrete.

Em nosso imaginário e simbolicamente, a onça-pintada é exaltada, tida como símbolo nacional que vangloria nossa natureza. Todavia, a realidade encarada pela espécie é outra. Sua situação em nosso território é tida como “Vulnerável (VU)” nos biomas Amazônia e Pantanal, “Em Perigo (EN)” no Cerrado e “Criticamente em Perigo (CR)” na Caatinga e Mata Atlântica (MORATO et al, 2013). Essa, bem como seus habitats, encontra-se ameaçada pelo desmatamento que assola a biodiversidade nacional e latino-americana, fator bastante relacionado à expansão das atividades pecuárias. Ademais, a espécie também sofre com a caça, agravada pela criação do gado bovino (Süssekind, 2014 e 2017), e também com a busca por sua ainda cobiçada, porém ilegal, pele.

À vista da complexa e disfórica situação da espécie em nosso país, o grupo de pesquisa D.I.A.N. – sigla para Debates e Investigações sobre Animais e Natureza – elegeu a onça-pintada como protagonista de intervenções lúdico-reflexivas realizadas com grupo de crianças (4 a 6 anos) frequentadoras de Escola Municipal da Zona Leste paulistana. O grupo, formado por estudantes da Universidade de São Paulo, tem como objetivo a divulgação lúdica de saberes científicos relacionados a temas que concernem os direitos animais e natureza, ambicionando promover o ativismo sociocientífico (REIS, 2013), o pensamento crítico desde o jardim de infância (MARCHÃO, 2016) (ROJAS, PIO, VIZACHRI, 2017), e o desenvolvimento de uma maior empatia para com os animais e a natureza em sua totalidade.

No presente artigo, abordaremos uma das atividades que desenvolvemos e aplicamos utilizando a figura da onça-pintada, visando discutir tópicos como o zoológico e aprisionamento de animais, o desmatamento, bem como sua relação com a pecuária, e os biomas brasileiros. A partir de teatros, maquetes e atividades interativas, o grupo de pesquisa ambicionou tratar de tópicos de extrema relevância para a formação de uma consciência ambiental crítica e urgente ao nosso país, especialmente diante de um cenário político-econômico no qual o meio-ambiente é tido apenas como recurso. Ademais, almejamos conectar a educação ambiental à educação animalista, pois compreendemos tais enfoques como complementares.

Destarte, o texto é estruturado apresentando as justificativas de nossa pesquisa – aprofundando sobre a questão da educação animalista supracitada –, seguindo pela descrição do grupo de pesquisa e atividade em análise e pelos resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, conectadas com o conteúdo aqui apresentado.

A EDUCAÇÃO ANIMALISTA E A ABORDAGEM ANTI-ESPECISMO

A consolidação de uma linha de pesquisa favorável à educação animalista (educação que englobe o respeito e consideração a todos os animais, não apenas os humanos) justifica-se por compreendermos ser necessário, tanto para que sejam fomentados pensamentos críticos e éticos quanto para auxiliar em uma defesa efetiva do meio-ambiente e seus integrantes, trazer um contraponto aos valores especistas² e antropocêntricos arraigados em nossa cultura. A sociedade ocidental funda-se sobre autores e crenças promovedoras do especismo de forma explícita e clara, seja em âmbito político, religioso, científico, comercial e tantos outros. A exemplo, nossa organização política e burocrática-estatal tem como um de seus autores basilares Aristóteles, esse que, em seu consagrado e ainda extremamente influente livro *Política* (1998), já despontava claras afirmações acerca da essencialidade da dominação de outras espécies por questões referentes à ordem natural, justificando uma hierarquia na qual o homem estaria em posição de superioridade. Ademais, tendo em vista a inegável influência da tradição judaico-cristã em nossa cultura, não podemos deixar passar despercebido que, infelizmente, passagens bíblicas ainda continuam a ser lidas de modo a tentar legitimar o especismo, apesar de haver uma crescente bibliografia que questiona tais interpretações (e.g. SUSIN, ZAMPIERI, 2015).

Em outros âmbitos e de modo complementar, informações recebidas pelas mídias de grande circulação, pela publicidade e por parte dos projetos políticos e econômicos nacionais vigentes prosseguem a reforçar mensagens que ferem os direitos animais de forma constante. Há uma miríade de exemplos que poderíamos listar, todavia nos limitaremos a solicitar ao leitor que reflita sobre episódio recente referente à Operação Carne Fraca (2017): a tão simbólica ação do presidente Michel Temer, convidando embaixadores para jantarem em uma churrascaria em Brasília enquanto denúncias sobre a qualidade da carne nacional irrompiam na mídia brasileira e estrangeira. Episódios como esse atestam nitidamente o estímulo à pecuária por parte da mídia, líderes políticos e grandes grupos econômicos, reforçando a ideia de que a exploração animal é crucial à manutenção de nossa economia e, portanto, há de ser tida como benéfica ao nosso país e desenvolvimento, não podendo ser ameaçada em nenhuma hipótese.

Com esses e outros tantos exemplos facilmente identificáveis torna-se claro que nós, como sociedade, somos educados a compreender os animais e o meio ambiente como recursos econômicos e inferiores. É construída e incentivada uma relação hierárquica que muito atrapalha a criação de uma consciência ecológica (essa que, como já nos vem alertando a ONU e comunidade científica internacional, é mais do que urgente e necessária, vide os drásticos impactos ambientais das atividades humanas) e de um tratamento ético e digno para todas as espécies. Consequente, devido ao cenário em que nos encontramos e às forças culturais e econômicas que nos levam a normalizar a exploração e crueldade para com os animais e natureza, enxergamos ser fundamental fomentar críticas e novos pontos de vista, promovendo reflexões éticas acerca de questões que raramente são debatidas ou postas em xeque.

Como grupo, temos como fulcral o incentivo à uma educação ambiental que vá de encontro à educação animalista, trabalhando com a ideia de uma preservação que não vise apenas os recursos, mas também os animais e seus direitos, e que combata a ideia de superioridade da espécie

² Conceito criado por Richard Ryder referente à discriminação dos humanos para com as demais espécies de animais, implicando no uso dessas como propriedade.

humana ante ao restante da natureza. Buscamos associar os direitos aos animais a tópicos relacionados ao meio ambiente e preservação, construindo uma visão não utilitarista sobre o meio ambiente e seus integrantes. Dessa forma, utilizamos da difusão científica, realizada principalmente em ambientes escolares, para fomentar novas visões sobre a relação homem-natureza.

A EQUIPE D.I.A.N. E A EDUCAÇÃO INFANTIL

D.I.A.N. - sigla para Debates e Investigações sobre Animais e Natureza – é uma das linhas de pesquisa que integra o projeto Banca da Ciência (Piassi, Santos, Vieira, Kimura, Vizachri & Araujo, 2018) o qual, desde 2009, apresenta propostas de difusão científica para distintos públicos de maneira crítica. Um dos objetivos do projeto é relacionar conteúdos científicos, artísticos e/ou midiáticos a temáticas de cunho ético e social. A linha de pesquisa em questão dedica-se a estudar tópicos relacionados aos direitos animais e natureza e, a partir de tais estudos, desenvolver atividades lúdico-reflexivas com públicos de diversas faixas-etárias, desde crianças até universitários, visando uma difusão científica crítica.

Contando com uma equipe bastante interdisciplinar, formada por graduandas de distintos cursos oferecidos pela Universidade de São Paulo, como Têxtil e Moda, Licenciatura em Ciências da Natureza, Gestão de Políticas Públicas, Gestão Ambiental, Marketing e Pedagogia, o grupo D.I.A.N. é atuante desde 2015. Sua atuação engloba a realização de reuniões semanais entre os membros, nas quais são realizados estudos teóricos, formulação de atividades práticas e análise de dados, e o desenvolvimento e aplicação de atividades sobre animais e natureza. As atividades são aplicadas, majoritariamente, em regiões periféricas da Zona Leste paulistana, visando a difusão científica em áreas cujo acesso à informação é mais restrito. Todavia, também realizamos atividades dentro do próprio ambiente universitário, com alunos de graduação, e em outros espaços.

Apesar do grupo atuar com distintos públicos e em diferentes ambientes, o presente artigo abordará somente atividade desenvolvida com crianças que frequentam EMEI localizada no Jardim Keralux (Zona Leste paulistana), cuja faixa-etária é de 4 a 6 anos. Conjunto à perspectiva de Marchão (2016) acerca da importância de se estimular o pensamento crítico desde a primeira infância, justificamos que a temática acerca dos direitos animais seja introduzida desde tenra idade também com fundamento nos estudos das pesquisadoras italianas Borgi e Cirulli (2015). Seus estudos trazem:

Os resultados de nosso estudo fortemente sugerem que programas educacionais que ampliam conhecimento e atitudes positivas em direção aos animais poderiam ser direcionados a crianças antes delas entrarem na escola primária, desde o momento em que a maioria das atitudes negativas emergem na vida infantil. (...). (BORGI, CIRULLI, 2015, p. 56, trad. nossa)

Além disso, seguindo a perspectiva sociocientífica, autores como Levinson (2008) enfatizam o quão crucial é enxergarmos as crianças como futuras cidadãs, preparando-as para lidar com a realidade vivenciada. Como evidenciado também pelos estudos de Binngießer, Wilhelm e Randler (2013), quanto mais frequentes são realizadas atividades relacionadas aos animais, mais os jovens tornam-se empáticos em relação a outras espécies. Ademais, os mesmos pesquisadores nos mostram que a empatia gerada para com os animais pode trazer reflexos positivos também entre as relações humanas, reduzindo comportamentos violentos.

Por conseguinte, verificadas as literaturas, enfatizamos e justificamos a importância de trazermos figuras animais e o debate sobre seus direitos para dentro de nossas atividades, bem como a relevância de abordarmos tais tópicos desde a tenra idade. Também ambicionamos, ao explanar sobre os pontos abordados nessa seção e anterior, que mais educadores sejam capazes de enxergar a relevância existente em se trabalhar as questões animais nas escolas, auxiliando na formação de

pensamentos críticos, éticos e empáticos – além de possibilitar o fortalecimento das abordagens ambientais e ecológicas já comumente inseridas no currículo, desenvolvendo uma visão não utilitarista sobre a natureza e seus componentes.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A atividade aqui apresentada foi realizada com duas turmas de uma mesma Escola Municipal Infantil localizada na Zona Leste Paulistana. Cada uma das turmas possuía aproximadamente 30 crianças com idades que variam de 4 a 6 anos. É relevante destacar que atuamos nesse espaço há mais de três anos, desenvolvendo atividades mensais. Aproximadamente metade das crianças que participaram da atividade a ser descrita já trabalhavam com nossa equipe desde 2017, não sendo, portanto, o primeiro contato dessas com tópicos relacionados aos direitos animais e natureza.

Sobre a atividade desenvolvida, essa teve duração de 1 hora. Seu objetivo era apresentar a espécie *Panthera onca*, trabalhando os principais problemas por ela enfrentados em nosso território.

A execução contou com a presença de três monitores fantasiados e maquiados de onça-pintada e mais duas responsáveis pelos registros, como fotografias, vídeos e áudios (obtidos por meio de aparelhos celulares e câmera fotográfica). A partir desses registros, o grupo realiza a análise das falas e comportamentos das crianças, a fim de verificar os resultados obtidos com a aplicação e associá-los aos explicitados em nossos relatórios. Sobre os relatórios, esses são preenchidos em grupo logo após as atividades e durante nossas reuniões, visando a avaliação dos eventos, envolvimento das crianças, desengajamentos morais³ (BANDURA, 1999), mobilização de conhecimentos prévios e outros. A partir dessa coleta de dados é que verificamos os resultados de nossas atividades.

A atividade foi iniciada na sala de aula com todo o grupo de crianças reunido e com os três monitores fantasiados se apresentando à turma, interpretando onças-pintadas. Foram feitas perguntas a fim de verificar se as crianças sabiam qual era o animal representado e o que sabiam sobre ele. Após a introdução, a sala foi dividida em três grupos de, aproximadamente, dez crianças cada, sendo que cada grupo iniciou suas atividades com um dos monitores.

Decidimos trabalhar três pontos centrais sobre a onça-pintada: seus habitats, o desmatamento e o zoológico, gerando uma narrativa passível de conexão entre os tópicos. Foram, então, pensadas formas e materiais para abordarmos tais temas de forma lúdica: para o zoológico, foi construída uma jaula na qual um monitor fantasiado de onça ficou confinado e as crianças poderiam fazer perguntas a ele; para os habitats, foi realizado um painel interativo com imagens; e, para a questão do desmatamento, foi realizada uma maquete para desencadear a discussão. A proposta foi fazer com que os grupos de crianças entrassem em contato com todos os temas e atividades, uma de cada vez. Sobre os pontos centrais elegidos, esses se justificam por uma série de motivos. Abaixo, esses serão explanados um a um, seguido de explicações sobre como esses foram trabalhados.

Sobre a questão dos habitats, decidimos inseri-la na proposta a fim de verificar se as crianças sabiam onde a espécie é comumente encontrada, fazê-las refletirem sobre qual seria o ambiente ideal para uma onça-pintada, onde ela gostaria de viver – estimulando que o público pensasse sobre o ponto de vista do animal –, e, por fim, apresentar os principais biomas brasileiros.

³ Segundo seus estudos, Bandura denominou como desengajamento moral os mecanismos apropriados pela consciência humana a fim de justificar atos desumanos, eximindo a autocondenação. É comum presenciarmos, durante as intervenções, alguns desses mecanismos, a exemplo de quando as crianças justificam atos negativo em detrimento dos benefícios causados.

Ademais, a abordagem do tópico também facilitaria a compreensão do conceito de desmatamento e seus desdobramentos.

Figura 1 – Aplicação da atividade do painel interativo: monitora fantasiada de onça-pintada apresentando, ao grupo de crianças, o painel e suas imagens. Fotografia nossa, tirada em 19 de junho de 2018. Local: EMEI – Zona Leste paulistana.



Para abordarmos essa questão, optamos pela construção de um painel interativo (Figura 1) feito com base de plástico e composto por oito imagens impressas, fixadas e emolduradas com velcro. As imagens representavam diferentes biomas nacionais e também locais como uma cidade, uma fazenda de monocultura, uma criação de gado e um zoológico. A proposta era que um monitor fantasiado de onça-pintada interpretasse o animal, se apresentasse às crianças e perguntasse em qual dos lugares representados elas achavam que ele (“onça-pintada”) gostaria de morar, questionando-as de suas escolhas. Também era função do monitor perguntar se as crianças sabiam o que estava representado na imagem e, caso a resposta fosse negativa, explicar brevemente sobre o espaço em questão, apresentando os biomas. Após as crianças discutirem sobre os habitats, o monitor deveria distribuir imagens de onças-pintadas recortadas, e que possuíam velcro colado em seu verso, e solicitar que as crianças colocassem tais imagens em volta das figuras que elas compreendiam ser os melhores locais para uma onça-pintada viver.

Já sobre a questão do desmatamento e seus efeitos sobre os animais silvestres, o grupo optou por criar uma maquete que explicitasse o avanço da pecuária sobre as florestas. A maquete foi montada sobre isopor e teve sua área dividida em, aproximadamente, 80% pasto, com imagens de gados fixadas, e 20% floresta – área onde estava localizada uma única imagem de onça-pintada. As figuras dos animais foram impressas em sulfite e fixadas com palitos de dente. A partir desse material, o monitor era responsável por apresentar a maquete ao grupo de crianças, contar uma história (atuando no papel de onça-pintada) e pedir a ajuda para compreender por qual motivo o desmatamento estava ocorrendo, resultando na perda de seu lar (a floresta). A ideia era fazer com que as crianças buscassem respostas a partir do que estava representado e também relacionassem o cenário com seu cotidiano. O grupo criou um roteiro com perguntas que deveríamos fazer às

crianças ao longo da história/atuação, almejando abordar a questão do desmatamento promovido pela atividade pecuária, pincelar sobre a caça da onça-pintada – tida como ameaça aos pecuaristas –, falar sobre as mudanças ambientais e verificar se as crianças conseguiam relacionar a presença do boi com as demandas alimentares de nossa sociedade.

Escolhemos abordar o desmatamento associado à pecuária pois, de acordo com relatório de Avaliação de Estado de Conservação emitido pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (MORATO et al, 2013), temos que as principais ameaças à espécie *Panthera onca* estão intimamente relacionados à degradação das florestas, essa motivada pela expansão das fronteiras agrícolas e outras atividades econômicas. Ademais, o relatório também aponta o conflito com produtores rurais como um grande obstáculo à conservação das onças-pintadas, fato também observado por Sússeking (2012) em seus estudos sobre a relação entre a espécie e gado branco no Pantanal.

Por fim, como último tópico a ser abordado em nossa intervenção, elegemos discutir os zoológicos, levantando questões como o confinamento/privação de liberdade e exploração animal. Com base em textos como os de Cloquell (2015), Jamieson (1985), Acampora (2005), dentre outros, compreendemos que os zoológicos ferem os direitos animais e não auxiliam, como comumente defendido, no processo de educação ambiental ou geração de uma verdadeira empatia para com a natureza. Esses espaços, por mais que propiciem um contato mais próximo do público para com determinados animais (fazendo possível que esses sejam vistos presencialmente), nos ensinam, nas entrelinhas, que temos o direito de confinar outras espécies, privando-as de suas liberdades, de seus habitats e do convívio social com seus semelhantes. Se almejamos a criação de uma consciência ecológica e respeito aos animais, não é possível alcançá-lo por meio de locais que ferem a ética, propagam, por meio do confinamento e outros, a ideia de superioridade humana perante as outras espécies (especismo) (Acampora, 2005, p. 73), são comumente denunciados por maus-tratos e nos induzem a obter lazer diante da privação de direitos e liberdade.

Destarte, ao levarmos às crianças o debate sobre zoológicos, ambicionamos que essas se colocassem no lugar do animal e pensassem em como esse se sente atrás das grades. A ideia era fazê-las questionarem se a onça-pintada estaria satisfeita em tais condições e se elas seriam capazes de imaginar um melhor lugar para ela viver. O esperado era que as crianças concluíssem que o animal prefere a vida em natureza e, portanto, é necessário que preservemos seus habitats, gerando uma conexão entre os três tópicos abordados na intervenção. Ademais, visamos promover a empatia das crianças para com os animais, fazendo-as compreender que esses sentem (trabalhando o conceito de *senciência*⁴) e não devem ser privados de seus direitos – o que ocorre quando os confinamos.

Para abordar tal tópico, definimos que um monitor fantasiado interpretaria uma onça-pintada confinada em zoológico. Para tal, construímos grades com papelão a fim de imitarmos uma jaula. As crianças foram convidadas a se aproximar da jaula e o monitor iniciaria uma conversa com elas, perguntando se as crianças sabem onde ele (onça) está e se elas sabem por qual razão o colocaram em um local tão pequeno e solitário, sem o contato com a floresta e outras onças. A ideia foi a de mesclar as perguntas com uma história, semelhante a contada na atividade referente à maquete sobre desmatamento e pecuária e fazendo-as refletir se a jaula seria um bom lugar para a onça viver, trazendo a ideia que o animal possui sentimentos e direito à liberdade.

Em suma, todas as atividades foram planejadas visando a participação ativa das crianças, evitando conteúdos expositivos e levando-as a responder perguntas que as fizessem refletir sobre os cenários apresentados. Ademais, foi incitado que essas se posicionassem sobre os eventos,

⁴ A *senciência* é tida como a capacidade dos animais de sentir sensações e sentimentos – positivos e negativos – de forma consciente.

avaliando criticamente a perspectiva do animal e trabalhando um olhar ao outro, considerando os sentimentos e vontades da onça-pintada.

RESULTADOS

Aqui serão analisados, sem distinção, os resultados obtidos a partir das aplicações realizadas nas duas turmas, cada uma delas com aproximadamente 30 crianças de 4 a 6 anos. No início das aplicações, os monitores se apresentaram perguntando o que as crianças sabiam sobre as onças-pintadas. No geral, a espécie foi classificada como feroz e brava. Foram mencionadas as garras, as presas, o fato delas morderem/machucarem e foram comentados os hábitos alimentares, como a caça e consumo de carne. Algumas das crianças demonstraram sentir medo do animal e, inclusive, demoraram um pouco para se aproximarem dos monitores fantasiados. Temos, portanto, a onça-pintada lida como uma típica predadora.

Em sequência, separamos os grupos e iniciamos as atividades, sendo que cada grupo interagiu com as três atividades propostas, porém em ordens diferentes. É importante ressaltar que a questão da ordem de início das atividades teve reflexo nos resultados. Para exemplificar, notamos que os grupos que começavam a atividade abordando a questão do zoológico chegavam na atividade do painel já descartando a fotografia da onça-pintada encarcerada como uma opção válida de moradia para o animal. Em contrapartida, os grupos que trabalhavam primeiramente com o painel apresentaram crianças que cogitavam a cela como uma boa opção de moradia, alegando que ali possuía comida, por exemplo. Ou seja, as reflexões adquiridas ao longo da atividade eram levadas para cada nova discussão iniciada.

Quanto ao envolvimento das crianças, avaliamos que elas demonstraram interesse explícito na atividade e estavam entretidas com as propostas. Elas persistiam na execução das tarefas e na participação dos debates, explicitando concentração. Destarte, temos que a intervenção despertou interesse nas crianças e houve engajamento, um sinal de que o planejamento da atividade foi bem executado e era adequado à faixa-etária.

Ademais, verificamos que as crianças não só se interessaram pelas atividades como também se aprofundaram nos temas em debate, discutindo-os de forma espontânea e trazendo informações relacionadas. Elas se mantiveram no assunto na maior parte do tempo e, mesmo quando fabulavam, as fábulas eram relacionadas a temática central (como quando, por exemplo, as crianças alegavam que já tinham tido uma onça, que tinham visto uma onça nadando e outros exemplos fantasiosos). Outrossim, observamos que elas conseguiram ampliar o debate por nós proposto e trouxeram novos tópicos, como o uso de pele de onça. Esse foi mencionado por uma das crianças ao abordarmos a questão da caça na maquete sobre pecuária e desmatamento, porém sem que os monitores tivessem feito nenhuma menção ao tema, demonstrando que ela estava a relacionar conhecimentos prévios com as situações por nós apresentadas.

Além da questão da pele, observamos que as crianças mencionaram outros temas de modo espontâneo e antes mesmo que os abordássemos. Um exemplo foi referente à caça. Tanto na atividade do zoológico quanto na maquete da pecuária, a figura do caçador foi rapidamente mencionada, com as crianças alegando que o caçador era uma ameaça para a onça e poderia matá-la ou prendê-la. Na questão do uso de pele, anteriormente comentada, a criança também associou a prática a caça, demonstrando que havia uma bagagem prévia sobre o tema.

Ainda sobre a questão do caçador, esse tópico acabou por desencadear uma miríade de discussões não previstas. Na maquete sobre pecuária e desmatamento, por exemplo, foi por nós comentado que o caçador não gostava que as onças-pintadas chegassem perto dos bois. Tal fala fez com que algumas crianças questionassem por qual motivo os animais não poderiam se aproximar. A

resposta veio das próprias crianças, com algumas comentando que isso de dava pelo fato das onças comerem os bois. Ao ouvirem isso, crianças sugeriram que nós, monitores fantasiados de onça-pintada, deixássemos de comer os bois e passássemos a comer grama, pois assim as onças e os bois poderiam coexistir e conviver.

Para o grupo, esse foi um dado extremamente interessante e, portanto, dedicaremos a ele certa atenção. Em primeiro lugar, esse posicionamento demonstra que as crianças cogitaram a alteração de dieta como uma alternativa para solucionar problemas, nesse caso avaliando que a adoção de uma dieta vegetariana (considerando que foi sugerido o consumo de grama) por parte das onças-pintadas evitaria que os bois fossem mortos e também evitaria que a onça enfrentasse problemas com os caçadores. Além disso, verificamos que as crianças tiveram um posicionamento atípico em relação às presas. Como explanado pelo filósofo francês Bonnardel (2009), é comum que os predadores sejam exaltados em nossa cultura e que sejamos estimulados a criar certo fascínio por esses. Esse fato foi inclusive observado por nosso grupo nas atividades diagnósticas que realizamos todo início de ano, nas quais ambicionamos conhecer as turmas de crianças com quem iremos trabalhar e estipular quais tópicos abordaremos. Quando perguntamos quais animais as crianças gostariam de trabalhar ao longo do ano, sempre nos é solicitado que abordemos predadores. São sugeridos o tubarão (que abordamos em 2017), o jacaré, o tigre, leão, dinossauros e outros animais “topo de cadeia”. As presas são raramente mencionadas e, como nos explica Bonnardel:

No teatro imaginário da predação, presas e predadores representam papéis. Natural e facilmente nós nos identificamos com os segundos, eles mesmos identificados por sua vez com os dominantes humanos da época feudal: rei da selva”, imperador das neves”, senhor dos céus”, majestade dos mares”... os predadores são nobres, de uma nobreza da espécie, e possuem uma dignidade que suas presas não possuem (desqualificadas por serem fracas, pelo simples fato de serem vítimas). (BONNARDEL, 2009)

Seria pouco esperado, portanto, que as presas – no caso, os bois – fossem levadas em consideração pelas crianças. Todavia, isso ocorreu, fato que se tornou explícito quando sugeriram que as onças-pintadas não deveriam comê-las, mas sim optar pela grama. Vemos, portanto, que as crianças tiveram empatia para com o animal predado, optando por uma coexistência pacífica entre as espécies e quebrando com os papéis mencionados por Bonnardel (2009), tão comumente evocados em representações sobre o reino animal.

Já com outro grupo de crianças, quando a monitora questionou se elas sabiam dizer por qual razão estavam trazendo tantos gados para o lugar que antes era floresta, algumas crianças responderam que era por causa do leite, alegando que as vacas o produziam. A monitora perguntou se existia mais algum motivo além do leite e uma criança respondeu que criávamos as vacas para matá-las e fazer carne, mostrando que essa conseguia relacionar o alimento consumido com o animal abatido (um de nossos objetivos, tendo em vista gostaríamos que elas percebessem que o consumo de carne estava atrelado ao desmatamento). Todavia, assim que a criança levantou a questão da carne e morte das vacas, ela foi rapidamente repreendida por um colega, que disse: “Não! A carne vem da natureza!”, e começou a explicar que apenas criávamos as vacas só para alimentá-las, sem associar a carne ao abate do animal.

Na fala dessa criança, temos nítida a questão do referente ausente, conceito originário de Margaret Homans que ganhou forças ao ser reinterpretado por Carol J. Adams (2012) em seu livro *A Política Sexual da Carne: A Relação entre o Carnivorismo e a Dominância Masculina*. De acordo com a autora, o animal morto é um referente ausente quando pensamos sobre o consumo de carne, ponto melhor explanado no trecho a seguir:

Por trás de toda refeição com carne há uma ausência: a morte do animal cujo lugar é ocupado pela carne. O “referente ausente” é o que separa o carnívoro do animal e o animal do produto final, A função do referente ausente é manter a nossa “carne” separada de qualquer ideia de que ela ou ele já foi um animal, manter longe da refeição o “múuu” ou o

“báaa”, evitar que algo seja visto como tendo sido um ser. Uma vez que a existência da carne é desligada da existência de um animal que foi morto para se tornar “carne”, esta fica desancorada do seu referente original (o animal), tornando-se, em vez disso, uma imagem que não está ligada a nada (...) (ADAMS, 2012, p. 23.)

Quando a criança alega que a carne vem da “natureza”, mesmo após o colega mencionar a relação com o abate de animais, temos explícito que a criança estava a desligar o produto de seu referente original e do processo de matança. Esse desligamento faz com que qualquer pensamento a respeito da morte de um animal e/ou do sofrimento envolvido na aquisição de tais produtos seja afastado, possibilitando que a carne seja consumida sem levantar conflitos éticos ou desconfortos.

Ainda sobre a atividade da maquete da pecuária, quando mencionamos o conflito da onça-pintada com os caçadores, uma criança sugeriu que o animal deveria devorar o caçador, matando-o, para evitar que ele a matasse. As crianças também disseram que o caçador ia atrás das onças por ser malvado. Temos, portanto, uma evidência de posicionamento favorável ao animal claramente contrário, e violento, ao caçador, tido como uma figura assaz pejorativa.

Sobre a atividade do painel, percebemos que as crianças tiveram dificuldade de compreender o que era uma floresta, demonstrando ter pouco conhecimento sobre o tópico – e menos ainda sobre os biomas brasileiros. Algumas crianças sugeriram que as onças deveriam viver nas cidades, pois nelas existiam casas e comidas, contudo, elas próprias, debatendo entre si, concluíram que as fotografias com áreas verdes seriam melhores opções. Foi discutido também que a fazenda de gado poderia ser uma opção válida para a morada da onça-pintada, tendo em vista que ela poderia ser amiga dos gados. Novamente, vemos a quebra da relação presa-predador e observamos, tanto nesse quanto em outros eventos, que as crianças se importavam muito com a solidão do animal. E sobre a imagem do zoológico, na maioria dos grupos as crianças concluíram que o confinamento não era uma boa opção para o animal.

Por fim, a respeito da atividade do zoológico, essa merece uma atenção especial, pois tivemos resultados bastante interessantes e também conflitantes. É necessário dizer que quase nenhuma criança respondeu “zoológico” quando foi perguntado se essas sabiam dizer onde a onça-pintada (monitora) estava. A resposta unânime foi “cadeia”, sendo que elas só relacionaram as grades ao zoológico após a monitora comentar.

Abordando as reações das crianças a essa atividade, temos que grupos agiram querendo libertar a onça-pintada (monitora) de dentro da jaula. As crianças chegaram a ficar procurando por uma chave a fim de verificar se era possível abrir as grades e também pensaram em planos de libertá-la – inclusive debatendo sobre onde levar o animal depois. Ademais, observamos atos bastante simbólicos e contrários ao zoológico. Quando distribuímos as máscaras para as crianças ao final da atividade, muitas correram para as grades que trouxemos e começaram a tentar derrubá-las, sendo que tivemos de impedi-las devido a necessidade de preservar o material.

Em um dos grupos, uma criança quase chorou ao comentar sobre quão injusta era a situação do zoológico. Foi perceptível, portanto, que boa parte das crianças se posicionaram de forma contrária ao zoológico, querendo auxiliar a onça a sair dessa situação de ausência de liberdade, e que a espécie passou a ser considerada com empatia. Muitas manifestações nos mostraram que os grupos compreenderam que a espécie possui o direito de viver livre na natureza e possui sentimentos (trabalhando, indiretamente, o conceito de senciência).

Entretanto, em um dos grupos nos deparamos com crianças que se posicionaram em defesa do zoológico, mesmo após a onça-pintada declarar que estava infeliz naquela situação. Uma das crianças alegou que continuava gostando dos zoológicos, pois se divertia quando os visitava, caracterizando um desengajamento moral (BANDURA, 1999) relacionado ao benefício adquirido pela experiência/ação. É visível que, para essa e outras crianças, o benefício próprio (a diversão) era mais relevante que o sofrimento do animal encarcerado, algo explícito em um dos diálogos

proferidos por elas mesmas. Após uma menina se posicionar favorável aos zoológicos, ela foi duramente questionada por sua colega, que disse: “Você gosta? Você não está vendo que ela está triste aí dentro?”. A resposta da criança se limitou a um “Mas eu não “tô”!”, evidenciando que essa estava apenas focada em seu benefício pessoal e negligenciava a tristeza da onça-pintada. É relevante ressaltar que a colega que levantou o questionamento é uma criança com a qual trabalhamos desde de o início de 2017, já tendo entrado em contato com discussões sobre respeito aos animais anteriormente.

Como avaliação dos resultados, temos que a aplicação foi fulcral para introduzir determinados debates às crianças e fornecer mais informações sobre a espécie, auxiliando na contextualização e também desenvolvimento de um novo olhar sobre as onças-pintadas, antes tidas como ferozes e ameaçadoras. As crianças pareceram compreender que a espécie, na realidade, está sob ameaças, gerando uma sensibilização das crianças que foi visível em diversos momentos e de distintos modos, como via falas, gestos e ações. Ao final da atividade, algumas crianças disseram às monitoras que desejavam ser amigas da onça, demonstrando a construção da empatia por nós ansiada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta pela defesa dos animais e do meio ambiente é inegavelmente árdua. Uma miríade de exemplos atuais nos escancaram o quão desfavorável é o cenário político nacional e internacional quando pensamos em tais tópicos. Líderes e forças econômicas prosseguem a negar o aquecimento global, ambicionam lucrar com o desmatamento, incentivam a pecuária, buscam a legalização da caça e muitos outros. Existem, portanto, diversos fatores que nos desmotivam a prosseguir, considerando o tamanho de nossos inimigos. Todavia, o conformismo não é uma opção viável, mesmo diante dos momentos mais obscuros. Atividades como a aqui descrita servem como um lembrete de que precisamos trazer tais debates para locais de transformação, como as salas de aula. Criar uma consciência ecológica e não especista é mais que urgente, sendo necessário iniciarmos esse fomento dentro das escolas e desde a tenra idade.

Se ambicionamos uma educação ambiental que de fato auxilie à preservação de nossos ecossistemas e que faça com que crianças e jovens reflitam sobre a importância de outros seres vivos, ignorar a educação animalista e a luta anti-especismo pode tornar a tarefa muito mais complexa. O enfoque da educação científica não deve se assentar somente sobre nossa espécie e muito menos em abordagens sobre sustentabilidade que pouco impacto geram. Como bem apontado por Lourenço e Oliveira (2012), temos que o discurso de sustentabilidade comumente utilizado é

(...) geralmente associado a uma abordagem apenas superficial, traduzindo-se tão somente a um vetor de contrapeso ao crescimento econômico e industrial (sucumbindo à sedução do conceito proveniente da economia ambiental de poluição/degradação ótima). A finalidade é sempre a mesma: manutenção mínima dos recursos ambientais de forma a possibilitar a sua contínua exploração e usufruto com vistas ao bem-estar humano/social. (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012, p. 202).

E, portanto, é pouco efetivo para lidar com os estrondosos problemas ambientais que estamos já enfrentando.

Com a atividade e resultados aqui apresentados, ambicionamos discutir uma nova abordagem sobre os problemas ambientais, incluindo também os animais e seus direitos. Compreendemos que a construção de empatia e ligações mais profundas entre as crianças e os animais/natureza podem incentivar que essas se importem mais com tais temas e se motivem a agir sobre eles. Ademais, a reflexão e participação ativa das crianças auxilia com que essas formulem

seus pontos de vista e comecem a se posicionar, sendo aptas a discutir tópicos que são tão relevantes à nossa sociedade.

Os resultados aqui apresentados nos motivam por evidenciarem uma mudança no discurso das crianças em relação não somente à onça-pintada, animal tão ameaçado e que tanto sofre com nossos atos, mas à natureza como um todo. Portanto, esperamos que tal atividade sirva como inspiração aos educadores de ciências, convidados a refletir sobre a abordagem animalista-ambiental aqui desenvolvida, e a temos como mais uma influência positiva para prosseguirmos realizando nossos trabalhos como grupo de pesquisa.

Compreendemos, todavia, que existem algumas limitações. Em primeiro lugar, algumas das crianças já tinham entrado em contato com atividades sobre direitos animais anteriormente, o que, obviamente, gera uma influência nos resultados positivos. Ademais, a atividade aqui descrita foi realizada com um número muito grande de monitores e, por essa razão, seria quase inviável aplicá-la em salas de aula que contem com apenas um professor. Contudo, esperamos que essa possa, de alguma forma, ser adaptada às realidades encontradas e que os resultados sirvam como estímulo. Destarte, apesar de apresentarmos pequenos resultados quando comparados aos tamanhos dos problemas que enfrentamos, ensejamos que esse artigo e nosso trabalho possam ajudar com que tais debates sejam levados a novos espaços e se fortaleçam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acampora, R. (2005). Zoos and eyes: contesting captivity and seeking successor practices. In: *Society & Animals*. vol. 13, n. 1, pp 68-88.

Adams, C. J. (2012). A Política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo: Alaúde.

Alcântara, A. (2015). TerraBrasil. 12ª Ed. São Paulo: TerraBrasil.

Aristóteles (1998). Política. Edição bilíngue. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. 1ª ed. Lisboa: Vega.

Bandura, A. (1999). Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. *Personality and Social Psychology Review*, 3, pp. 193-209.

Binngießer, J.; Wilhelm, C.; Randler, C. (2013). Attitudes toward Animals among German Children and Adolescents. *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of the Interactions of People & Animals*, v. 26, n. 3, pp. 325-339.

Borgi, M.; Cirulli, F. (2015). Attitudes toward Animals among Kindergarten Children: Species Preferences. In: *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of the Interactions of People & Animals*, v. 28, n 1, n. March, pp. 45-59.

Bonnardel, Y. (1998). Quem vai à caça não perde o lugar. Título original: Qui va à la chasse garde sa place. *Cahiers antispécistes* n. 15-16 - avril. Traduzido por Anna Cristina Reis Xavier. 2009. Disponível em: <<https://vegpedia.com/textos-fundamentais/quem-vai-a-caca-nao-perde-o-lugar/>>. Acesso: 08 out. 2018.

Cloquell, J. M. E. (2015). Em lugar de ir al zoológico... *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, v. 1, pp. 96-114.

Jamieson, D. (1985). Against zoos. *Environmental Ethics: Readings in Theory and Application*, v. 5, pp. 97-103.

Levinson, R. (2008). A theory of curricular approaches to the teaching of sócio-scientific issues. In: Alexandria, v. 1, n. 1. pp. 133-151

Lourenço, D. B.; Oliveira, F. C. de S. (2012). Sustentabilidade, economia verde, direito dos animais e ecologia profunda: algumas considerações. In: Revista Brasileira de Direito Animal, n. 7, v. 10, pp. 189-231.

Marchão, A. J. (2016). Ativar a construção do pensamento crítico desde o jardim-de-infância. In: Revista Lusófona de Educação, n. 32, pp. 47-58.

Morato, R. G. et al. (2013) Avaliação do risco de extinção da onça-pintada *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, n. 1, pp. 122-132.

Piassi, L. P. C., Santos, E. I., Vieira, R. M. B., Kimura, R. K., Vizachri, T. R., & Araujo, P. T. (2018). A Banca da Ciência na comunicação crítica da ciência para o público escolar. Comunicação Pública, 13(24).

Reis, P. (2013). Da discussão à ação sócio-política sobre controversias sócio-científicas: uma questão de cidadania. Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista, 2013, pp. 1-10.

Rojas, L.; Pio, L.; Vizachri, T. (2017) Introdução à ética animal na reflexão infantil. Anais do Congresso de Estudos da Infância, CEIUERJ, Rio de Janeiro, pp. 649-660.

Susin, L C.; Zampieri, G. (2015). A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal. São Paulo: Paulinas.

Süssekind, F. (2017). A onça-pintada e o gado branco. Anuário antropológico, nº 2, 2012, pp. 111-134.

_____ (2017). Onças e humanos em regimes de ecologia compartilhada. Horizontes Antropológicos, nº 48, pp. 49-73.